

Os Rolos do Mar Morto e o Judaísmo dos Evangelhos

Craig A. Evans

Payzant Professor of New Testament

Acadia Divinity College

Denes Izidro, Tradução 2009 ©

The Dead Sea Scrolls and the Jewishness of the Gospels

O judaísmo dos Evangelhos pode ser visto em muitos pontos. Jesus é designado como “Rabbi” (e.g., Mc.9.5;11.21;14.45 e par.) ou “Rabbouni” (Mc.10.51, Jo 20.16); ele chamou seus seguidores “discípulos” (e.g. Mc.2.15;3.7;4.34 e par.), alguns dos quais ele aponta como “apóstolos” (e.g., Mc.3.14;6.30 e par.), o que na literatura rabínica é uma designação de Moisés e vários outros profetas “enviados” por Deus (e.g., *Exod. Rab.* 3.4 [em Ex.3.12]; 3.14 [em Ex.4.10]);¹ e ele se engaja em debates com escribas, fariseus, saduceus e sacerdotes sobre a lei judaica e o significado de suas Escrituras (e.g., Mc.2.23-3.6;7.1-13;11.27-12.34 e par.). Além disso, Jesus proclama o governo de Deus e fala da redenção de Israel (e.g., Mc.1.14-15 e par.). A prioridade de Israel sobre as nações é assumida (Mc.7.24-30), e é algumas vezes explicitamente afirmada (e.g., Mt.10.5-6;15.24). A geografia, topografia e demografia da história de Jesus é completamente judaica. Jesus vem de Nazaré, faz seu quartel general em Cafarnaúm, ensina no Mar da Galiléia e freqüentemente o cruza rumo ao sul para Jericó e Jerusalém, na Judéia. Jesus freqüenta a sinagoga, ora, ensina seus discípulos a orar² e

¹ Veja também *Mekilta de Rabbi Shimeon ben Yohai* em Ex.3.10-11; *Abot de Rabbi Nathan* A 1.2; e, de tradição samaritana, *Memar Marqa* 4.7;5.3;6.3-4. O termo “apóstolo” vem do substantivo grego *apostolos*, o qual significa alguém que é enviado (do verbo *apostellein*, “enviar”). Seu equivalente hebraico é *shaliah* ou *shaluah*, do verbo *shalah*, “enviar”. A idéia de Moisés ou um profeta como “apóstolo” vem de passagens escriturísticas que falam deles como “enviados” por Deus (e.g. Ex.3.10, “Eu enviarei você a faraó”; Is.61.1, “o Senhor...me enviou”; Jr.1.7, “a todos a quem eu te enviar tu irás”; etc.).

² Como em Mateus 6.9-13 = Lucas 11.2-4, o qual é uma clara adaptação do próprio Jesus de uma oração judaica que tornou-se conhecida como o Qaddish. A oração de Jesus e o Qaddish começam, ambas, com as petições de que o nome de Deus seja santificado e seu governo seja estabelecido.

apóia a lei judaica³ (embora sua compreensão seja diferente da de seus contemporâneos⁴). Em suma, o Jesus dos Evangelhos é tão judeu quanto qualquer outra figura que conhecemos desse período.⁵ Os paralelos entre seus ensinamentos e atividades e o judaísmo contemporâneo são tão numerosos que enchem mais de 1500 páginas no comentário aos Evangelhos de Paul Billerbeck, um comentário baseado em comparações com o Talmude e a literatura midrashica.⁶

Não apenas Jesus, a figura central dos Evangelhos, é completamente judaico, os próprios Evangelhos são judaicos em seu núcleo. Nós vemos isso no modo como o Evangelho de Mateus inicia: “O livro da genealogia de Jesus Messias, o filho de David, o filho de Abraão” (Mt.1.1; cf. Gn.5.1, “Este é o livro das gerações de Adão...”), seguido por uma genealogia padronizada por aqueles encontrados na Escritura (Mt.1.2, “Abraão foi pai de Isaque, e Isaque foi pai de Jacó...” etc.; cf. Gn.5.3, “Adão...foi o pai de Seth” etc.). A narrativa da infância de Mateus fala de José e seus sonhos, reminiscência de outro José bem conhecido, com o qual Deus se comunicou através de sonhos (cf. Gn.37.5-11; 40.1-19; 41.1-36). Pontuando sua narrativa com uma série de profecias cumpridas, o evangelista Mateus conta a história da infância do Messias Jesus em termos de tipologia de Moisés, assim como o evangelista Lucas pontua sua versão da infância com diversos cânticos, cujo conteúdo consiste principalmente de palavras e frases retiradas das Escrituras. De fato, tem-se observado que muito do estilo de Lucas escrever é uma imitação consciente do estilo da Septuaginta, a versão grega da Escritura Judaica. É como se a história de Israel, que tinha terminado na nota trágica da destruição do antigo reino e o fim da dinastia de Davi, continuasse agora na história de Lucas do advento do

³ Como em Lucas 16.17: “É mais fácil passar o céu e a terra do que cair um til sequer da lei.”

⁴ Como em Mateus 5.20: “Eu vos digo, a menos que a vossa justiça exceda aquela dos escribas e fariseus...”; ou Marcos 7.9, aos escribas e Fariseus: “Vocês têm um modo sutil de rejeitar o mandamento de Deus para manter sua tradição!”

⁵ Mesmo a oposição sacerdotal, prisão, interrogatório romano e flagelação de Jesus correspondem ao que aconteceu com um outro profeta judeu que ousou anunciar a vinda do julgamento sobre Jerusalém (cf. Joseso, J.W.6.5.3 §300-309, com relação à “Jesus filho de Ananias”).

⁶ (H.L.Strack) e P.Billerbeck, *Kommentar zum Neuen Testament aus Talmud und Midrasch* (6 vols., Munich: C.H.Beck, 1922-28), vols.1 e 2. Também deve-se consultar J.Lightfoot, *A Commentary on the New Testament from the Talmud and Hebraica* (4 vols., Peabody: Hendrickson, 1989 [orig. *Horae Hebraicae et Talmudicae*, 1658-1674; ET Oxford: Oxford University Press, 1859]), vols.1, 2 e 3; S.T.Lachs, *A Rabbinic Commentary on the New Testament: The Gospels of Matthew, Mark and Luke* (Hoboken: Ktav, 1987); C.G.Montefiore, *The Synoptic Gospels: Edited with an Introduction and a Commentary* (2 vols., 2nd ed., London: Macmillan, 1927); D.H.Stern, *Jewish New Testament Commentary* (Clarksville, MD: Jewish New Testament Publications, 1992), 1-214.

rei e salvador prometido. O Evangelho de Marcos, composto de uma série de vinhetas de ensino e milagres, é reminiscência das histórias de Elijah e Elisha [Elias e Eliseu, nota do tradutor], enquanto o Evangelho de João imita conscientemente a linguagem e temas da tradição sapiencial.

Os Manuscritos do Mar Morto têm acrescentado muito à nossa compreensão e apreciação dos Evangelhos como literatura judaica. Os Manuscritos são Palestinos, primitivos, escritos em hebraico e aramaico, e são inquestionavelmente judaicos. Significativos paralelos entre eles e os Evangelhos Cristãos devem confirmar a tese aqui de que os Evangelhos são completamente judaicos, mesmo que em alguns pontos eles variem em relação a aspectos do Templo e do Judaísmo escribal antes de 70 E.C. Exemplos relevantes serão citados para cada um dos quatro Evangelhos.

MATEUS

Dado seu caráter abertamente judaico, nós esperaríamos encontrar o maior número de importantes paralelos em Mateus, e esse parece ser de fato o caso. Podemos considerar quatro paralelos: o primeiro diz respeito à uma aproximação interpretativa da Escritura, o segundo a um gênero Semítico, o terceiro uma tema ético, e o quarto uma compreensão comum de uma colocação específica de palavras e frases provenientes do profeta Isaías.

(1) *Interpretação Pesher nos Manuscritos e em Mateus.* Uma das primeiras características intrigantes dos recém-descobertos Manuscritos do Mar Morto a ganhar atenção de estudiosos foi a interpretação pesher. Felizmente, um rolo pesher ("interpretação" ou "comentário") bem preservado foi encontrado na primeira caverna, descoberta em 1947. Linha após linha dos primeiros dois capítulos de Habacuque são citadas e em seguida explicadas: "Sua interpretação diz respeito" a alguns eventos recentes ou alguns eventos que, acredita-se, ocorrerão em breve. O autor do pesher de Habacuque equipara sistematicamente vários eventos e personagens de Habacuque com vários eventos e personagens da época da

Comunidade de Qumran. Estudiosos imediatamente apontam a relevância deste estilo de interpretação para a compreensão do uso que o Novo Testamento faz do Antigo Testamento, por exemplo, At.2.16-17: “Mas isto [o falar em línguas] é o que foi dito pelo profeta Joel: ‘E nos últimos dias acontecerá, diz Deus, que eu derramarei do meu Espírito sobre toda carne...’” (citando Joel 2.28-32).

Ao longo de Mateus, nós vemos textos proféticos específicos equiparados com eventos específicos da vida e ministério de Jesus. Nós encontramos isto cinco vezes na narrativa da infância, por exemplo, “Tudo isto teve lugar para se cumprir o que foi dito pelo Senhor através do profeta: ‘Eis que uma virgem conceberá...’” (Mt.1.22-23 [citando Is.7.14]; cf. Mt.2.5-6 [citando Mq.5.2]; 2.15 [citando Os.11.1]; 2.17-18 [citando Jr.31.15]; 2.23 [citando Is.11.1 e Jz.13.5]). Citações similares pontuam a narrativa mateana. O ministério de Jesus na Galiléia é dito ser “o que foi dito pelo profeta Isaías” (Mt.4.12-16 [citando Is.9.1-2]). A cura das multidões por Jesus é “o que foi dito pelo profeta Isaías” (Mt.8.17 [citando Is.53.4]). O estilo do ministério de Jesus, particularmente sua evasão de tumulto e resistência a incitar a turba, é o cumprimento de “o que foi dito pelo profeta Isaías” (Mt.12.17-20 [citando Is.42.1-4]). Essas duas últimas passagens encorajam leitores a equiparar Jesus com o Servo do Senhor das profecias de Isaías. O evangelista Mateus cita um número de profecias com referência ao ministério de Jesus em Jerusalém e sua Paixão. Esse procedimento exegético se aproxima estreitamente do que nós vemos nos comentários Pesher de Qumran.⁷

(2) *Bem-aventuranças nos Manuscritos e em Mateus.* Uma das mais bem conhecidas características do ensino de Jesus foi sua lista de bem-aventuranças (Mt.5.3-12 = Lc.6.20-26). Dícticos de bem-aventuranças são atestados nas Escrituras de Israel e nos escritos judaicos da Antiguidade tardia (e.g. Sl.32.1-2; 84.4-5; 119.1-2; Sir.14.1-2; 25.8-9; Tb.13.13-14), mas só com a descoberta do 4Q525 pudemos ter um texto judaico, fora os próprios Evangelhos, que preserva uma lista de bem-aventuranças:

⁷ O estudo pioneiro neste campo é de K. Stendahl, *The School of St. Matthew and Its Use of the Old Testament* (ASNU 20; Lund: Gleerup; Copenhagen: Munksgaard; rev. ed., Philadelphia: Fortress, 1968). O apelo de Stendahl ao pesher em Qumran foi útil, embora sua sugestão de uma “escola” mateana não tenha sido seguida.

[Bem-aventurado é aquele que...]tem um coração puro e não difama com a sua língua.
Bem-aventurados são aqueles que se apegam aos seus estatutos e não às formas de injustiça.

Bem-a[venturados] são aqueles que se regozijam nela,e não irrompem por caminhos de loucura.

Bem-aventurados são aqueles que a buscam com mãos limpas,e não com um coração enganoso.

Bem-aventurado é o homem que alcança sabedoria,e anda na lei do altíssimo...⁸ (frag.2 ii+3:1-10)

Estudiosos debatem sobre quantas bem-aventuranças originalmente devem ter feito parte desta lista.Obviamente,houve pelo menos cinco (uma a mais em comparação com a coleção que encontramos em Lucas). Especulou-se que teriam havido sete. A similaridade estrutural é interessante,de fato,mas o que é mais interessante são as diferenças entre as bem-aventuranças de Jesus e aquelas de 4Q525. As bem-aventuranças deste rolo se ajustam ao padrão típico de sabedoria,enquanto as bem-aventuranças de Jesus prometem justiça escatológica: “Bem-aventurados são os pobres de espírito,porque deles é o reino dos céus.

...Bem-aventurados são os puros de coração,porque eles verão a Deus.” (Mt.5.3,8).⁹

(3) *Justiça nos Manuscritos e em Mateus.* As várias formas de “reto” e “retidão” (incluindo “justo” e “justiça”) ocorrem centenas de vezes nos manuscritos. Estas palavras também aparecem freqüentemente no Evangelho de Mateus. São especialmente interessantes as referências ao “mestre de justiça” que vem nos “últimos dias” (e.g.,CD 6.10-11, “aquele que ensina justiça nos últimos dias”;cf.1QpHab 1.13;7.4). Este mestre autorizado instruirá os fieis na verdadeira compreensão da lei de Deus. O paralelo com a apresentação mateana de Jesus,especialmente como nós

⁸ As Traduções dos Manuscritos do Mar Morto são baseadas em M.O.Wise,M.G.Abegg Jr. e E.M.Cook,*The Dead Sea Scrolls:A New Translation* (San Francisco:HarperCollins,1996). As vezes são feitas modificações,geralmente,para oferecer uma tradução mais literal.

⁹ Veja B.T.Viviano, “Beatitudes Found among the Dead Sea Scrolls,”*BAR* 18/6 (1992),53-55,66;É.Puech, “The Collection of Beatitudes in Hebrew and in Greek (4Q525 1-4 e Mt.5.3-12),” in F.Manns e E.Alliata (eds.),*Early Christianity in Context:Monuments and Documents* (SBF 38;Jerusalem:Franciscan Printing Press,1993),353-68.

vemos isto no Sermão do Monte, é impressionante. Os homens de Qumrân certamente concordariam com a advertência de Jesus: “Eu digo a vocês, a não ser que a vossa justiça exceda a dos escribas e Fariseus, vocês jamais entrarão no reino dos céus” (Mc.5.20), bem como com suas bem-aventuranças: “Bem-aventurados são aqueles que têm fome e sede de justiça, porque eles serão satisfeitos” (Mt.5.6) e “Bem-aventurados são aqueles que são perseguidos por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus” (Mt.5.10).¹⁰

(4) *Obras do Messias nos Manuscritos e nos Evangelhos.* Um dos mais surpreendentes paralelos entre os Manuscritos e os Evangelhos é encontrado em 4Q521. Este fragmento particular de manuscrito empresta importante apóio à tese de que Jesus de fato compreendeu a si mesmo em termos messiânicos.¹¹ Em uma passagem que dificilmente pode ser posta em dúvida, um aprisionado e desanimado João Batista envia a Jesus, perguntando: “Você é aquele que haveria de vir, ou devemos esperar outro?” A essa questão Jesus responde: “Ide e anunciai a João o que vocês estão ouvindo e vendo: os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos são limpos, os surdos ouvem, os mortos são ressuscitados e aos pobres são anunciadas as boas novas. E bem-aventurado é aquele que não se escandaliza de mim.” (Mt.11.2-6 = Lc.7.18-23). A mensagem de Jesus a João Batista contém alusões a várias palavras e frases provenientes do livro de Isaías (e.g., Is.35:5-6 [cegos e coxos]; 26.19 [mortos]; 61.1-2 [boas novas]). Este material aparece em 4Q521: “libertando os prisioneiros, abrindo os olhos aos cegos... curará os feridos, vivificará os mortos e pregará boas novas aos pobres” (frags.2+4 ii 8-12). Este notáveis eventos são descritos com referência ao Messias de Deus, ao qual céus e terra obedecerão (linha 1).¹² Este manuscrito sugere

¹⁰ Veja J.Kampen, “ ‘Righteousness’ in Matthew and the Legal Texts from Qumran,” in M.Bernstein, F.García Martínez, e J.Kampen (eds.), *Legal Texts and Issues: Proceedings of the Second Meeting of the International Organization for Qumran Studies Cambridge 1995* (J.M.Baumgarten Festschrift; STDJ 23; Leiden: Brill, 1997), 461-87.

¹¹ Durante grande parte do século XX, a chamada academia crítica argumentou, ou assumiu, que Jesus não reconheceu a se mesmo como Messias. É típica a observação de R.Bultmann, *Jesus* (Berlin; Deutsche Bibliothek, 1926), 12; em inglês: *Jesus and the Word* (New York: Scribner's Sons, 1934), 13: “Eu sou pessoalmente de opinião que Jesus não acreditava ser ele o Messias.”

¹² Não está sempre claro quem é o sujeito dos verbos na porção de 4Q521 sob consideração. A pregação das boas novas aos pobres é certamente a atividade do Senhor ungido. Talvez essa figura seja também o sujeito dos verbos de cura e ressurreição dos mortos. Contudo, em um importante sentido, isto não é uma questão premente, pois se a figura

que a resposta de Jesus a João foi de fato messiânica. De fato, o evangelista Mateus também compreendeu a importante resposta de Jesus, introduzindo a história com as palavras: “Quando João ouviu na prisão sobre as obras do Messias...” (Mt.11.2). Estas são palavras de Mateus, pois o evangelista Lucas não introduz sua versão da história deste modo.¹³

MARCOS

Há importantes pontos de contato entre a história marcana de Jesus e os Manuscritos do Mar Morto. Ambos envolvem compreensões similares de passagens da Escritura.

(5) *Isaías 40 nos Manuscritos e em Marcos*. Isaías 40 propõe uma ousada tipologia segundo a qual o êxodo original serve de modelo para uma nova era de salvação. Do mesmo modo como foi preparado um caminho no deserto há muito tempo atrás, o qual o povo de Deus devia percorrer desde o Egito até a terra prometida, assim também acontecerá de novo – mas muito melhor desta vez, pois não haverão caminhadas no deserto, mas uma estrada que conduz diretamente da opressão para a redenção. Os homens de Qumran compreenderam Isaías 40.3 de maneira similar. Eles também citaram esta passagem e organizaram uma comunidade de Aliança na região do deserto do Mar Morto: “Quando tais homens como estes vierem a existir em Israel, conforme estas doutrinas, eles se separarão da sessão de homens perversos para ir ao deserto, onde prepararão o caminho da verdade, como está escrito: ‘No deserto preparai o caminho do Senhor, endireitai no deserto um caminho para nosso Deus’ [Is.40.3]” (1QS 8.12-14). E outra vez: “Ele preservará a reprovção – fundado em seu próprio conhecimento verdadeiro e reto julgamento- para aqueles que escolheram o Caminho, tratando cada um conforme suas qualidades espirituais e os preceitos exigidos pela era. Ele os fundamentará no conhecimento, assim instruindo-os em verdadeiros e maravilhosos mistérios; se, então, o Caminho secreto é aperfeiçoado entre

ungida é o agente através do qual têm lugar as curas, certamente ele e todos teriam entendido que é Deus mesmo quem é a fonte última do poder salvífico. O mesmo deve ter sido verdade no caso de Jesus.

¹³ Veja É. Puech, “Une Apocalypse Messianique (4Q521)”, *RevQ* 15 (1992), 475-519; J.J. Collins, “The Works of Messiah”, *DSD* 1 (1994), 98-112.

os homens de Yahad, cada um andaré irrepreensivelmente com seu companheiro, guiado pelo que tem sido revelado a ele. Esse será o tempo de 'preparar o caminho no deserto' [Is.40.3]" (1QS 9.17-20). Como é visto no segundo excerto, a palavra "caminho" (Heb. *derekh*) tornou-se um nome para a própria comunidade de Qumran, assim como para a comunidade cristã primitiva: "Mas isto eu admito a vocês, que segundo o Caminho, que eles chamam uma seita, eu sirvo ao Deus de nossos pais..." (At.24:14; cf. At.9:2; 19:9, 23; 24:22).

(6) *A Parábola da Vinha de Isaías nos Manuscritos e em Jesus*. A parábola da Vinha de Jesus (Mc.12.1-9 e paralelos) está baseada no Cântico da Vinha de Isaías (cf. Is.5.1-7). Falando em nome do Senhor, o profeta Isaías reclamou que a despeito de carinho, a vinha plantada e alimentada na colina produziu uvas imprestáveis. A parábola é uma alegoria e uma parábola jurídica, isto é, uma parábola que induz os ouvintes a aplicar o julgamento em si mesmos. A vinha é Israel, seu proprietário é Deus, o fruto é comportamento de Israel. Israel não tem desculpa: "O que mais Deus poderia fazer por seu povo?" Portanto, a nação pode aguardar o julgamento. A parábola de Jesus pressupõe estas características alegóricas, mas adiciona arrendatários à história e atribui a culpa: Israel não está em falta, seus líderes religiosos estão; e redireciona o julgamento: os líderes religiosos perderão sua gestão.

A mudança de foco da nação como um todo para os líderes religiosos, especificamente os sacerdotes no poder, não foi exclusiva de Jesus. Nós encontramos essa perspectiva na paráfrase Aramaica de Isaías (o Targum), especialmente em sua tradução de Is.5.1-2,5, onde a torre de vigia se torna "santuário" e o tonel de vinho se torna "altar". (Esta interpretação é atestada também em dois lugares na Tosefta: *Me'ila* 1.16 e *Sukkah* 3.15). A antiguidade da tradição está agora confirmada em Qumran, onde um pequeno fragmento de manuscrito (4Q500) alude ao Cântico da Vinha de Isaías e claramente o associa ao Templo.¹⁴

¹⁴ Veja J.M. Baumgarten, "4Q500 and the Ancient Conception of the Lord's Vineyard," *JJS* 40 (1989), 1-6, 1-6; G.J. Brooke, "4Q500 1 and the Use of Scripture in the Parable of the Vineyard," *DSD* 2 (1995), 268-94.

LUCAS

Não se poderia esperar distintamente contatos de Lucas com o Judaísmo, devido a grande probabilidade de que o evangelista tenha sido um gentio. Contudo, a leitura de Lucas-Atos indica que esta pessoa estava familiarizada com a sinagoga (inclusive ele nos deu uma descrição inicial do serviço em uma sinagoga, em 4.16-30), e obviamente conheceu bem significantes porções da versão grega da Escritura. Há dois importantes pontos de contato com os Manuscritos do Mar Morto que podem ser mencionados brevemente.

(7) *O anúncio da vinda do Filho de Deus.* O anjo anunciou a Maria: “Ele será grande e será chamado o Filho do Altíssimo; e o Senhor Deus dará a Ele o trono de Seu pai Davi; e Ele reinará sobre a casa de Jacó para sempre, e Seu reino não terá fim... o santo descendente será chamado o Filho de Deus” (Lc.1.32-35). Estas palavras ecoam a promessa feita a Davi: “Eu estabelecerei o trono do seu reino para sempre... Eu serei um pai para ele e ele será um filho para Mim... sua casa e seu reino durarão diante de Mim para sempre; seu trono será estabelecido para sempre” (2Sm.7.13-16). Eles também encontrarão um notável paralelo em um texto Aramaico de Qumran: “Ele será chamado filho do grande Deus, e por seu nome ele será nomeado. Ele será chamado o Filho de Deus, e eles o chamarão Filho do Altíssimo... seu reino será um reino eterno” (4Q246 1:9-2:5). Este paralelo, o qual está provavelmente falando do Messias Judeu esperado, demonstra que no Judaísmo, na terra de Israel, e na língua Aramaica, antes do tempo de Jesus e da proclamação cristã, o Messias foi algumas vezes chamado o “Filho de Deus”. Portanto, não é necessário concluir, como alguns críticos fizeram no passado, que a referência a Jesus como Filho de Deus deveu-se à influência Greco-Romana tardia sobre o Cristianismo à medida que ele se espalhou no Império Romano.¹⁵

¹⁵ Veja J.J. Collins, “The Son of God Text from Qumran,” in M.C. De Boer (ed.), *From Jesus to John: Essays on Jesus and New Testament Christology in Honour of Marinus de Jonge* (JSNTSup 84; Sheffield: JSOT Press, 1993), 65-82; J.A. Fitzmyer, “4Q246: The ‘Son of God’ Document from Qumran,” *Bib* 74 (1993), 153-74. Alguns intérpretes crêem que a figura do Filho de Deus em 4Q246 é de fato um usurpador que arrogantemente e de forma blasfema aplica a si mesmo tal linguagem exaltada. Esta interpretação bem que poderia estar correta, pois a falta de contexto torna impossível decidir a questão com algum grau de certeza. Em ambos os casos, o valor da linguagem do Filho de

(8) *Cumprindo a Lei e herdando a Vida Eterna*. Em uma ocasião, um perito legal aproxima-se de Jesus e pergunta o que deve fazer para herdar a vida eterna (Lc.10.25-28). Quando o homem afirma os mandamentos de amar a Deus e amar ao próximo, Jesus assegura-lhe, “Faze isso e viverás” (v.28). Muitos intérpretes reconhecem a alusão a Levítico 18.5, onde a Lei de Moisés garante aos Israelitas que se um homem pratica a lei, ele viverá. O problema é que Moisés falou de vida na terra de Israel, não vida eterna. Assim, como a alusão de Jesus a Levítico 18.5 fornece uma garantia ao perito legal de que ele herdará a vida eterna? A resposta está na observação de que Levítico 18.5 foi compreendido na antiguidade tardia referindo-se tanto à vida próspera na terra prometida quanto a vida no mundo vindouro. Por exemplo, no Aramaico, Levítico 18.5 lê: “Você, portanto, deve guardar meus estatutos e minhas ordenanças, fazendo assim um homem deve viver no *mundo vindouro*: Eu sou o SENHOR” (*Targ. Onqelos*). A antiguidade dessa interpretação é vista no *Pacto de Damasco*, um dos Manuscritos do Mar Morto encontrado em fragmentos nas cavernas de Qumrân e – mais de cem de anos atrás – no genizah da antiga Sinagoga do Cairo. Segundo este texto: “Seus santos sábados, suas gloriosas festas, suas leis justas, seus confiáveis caminhos. Os desejos de sua vontade, o que um *homem deveria fazer e assim ter a vida neles*, Ele abriu-lhes... e mesmo neste dia, aqueles que tomarem firmemente isto devem receber a vida eterna” (CD 3.14-20, itálicos adicionados para indicar a alusão a Lv.18.5). O autor deste texto compreendeu Levítico 18.5 como prometendo “vida eterna”, assim como Jesus prometeu.

JOÃO

Nós também encontramos pontos de contato no Evangelho de João com diversas interpretações midráshicas e targúmicas. Talvez o mais dramático paralelo entre João e os Manuscritos do Mar Morto seja seu uso de terminologia dualística.

Deus em 4Q246 para interpretar Lucas 1 permanece, se uma figura positiva está em vista, a qual poderia ser chamada Filho de Deus, ou se uma figura negativa está em vista, a qual não deveria ser chamada assim. O ponto importante é a ocorrência dos títulos e como eles iluminam a cristologia primitiva.

(9) *Dualismo nos Manuscritos e em João*. O dualismo encontrado na Regra da Comunidade teve atenção especial da academia. Contrastes entre luz/trevas, boas obras/más obras, e verdade/mentira são encontrados em 1QS 3:13-4:26. Uma amostra da passagem lê como segue: [Deus] atribuiu à humanidade dois espírito sob os quais ela deve andar até o tempo de Sua visita, eles são os espíritos da verdade e da perversidade. A origem da verdade está em uma fonte de luz, e a origem da perversidade precede de uma fonte de trevas. O domínio sobre todos os filhos da justiça esta na mão do Príncipe da luz; eles andam nos caminhos da luz. Todo domínio sobre os filhos da perversidade está na mão do Anjo das trevas, eles andam nos caminhos das trevas” (1QS 3.18-21).

Embora o dualismo joanino e qumrânico não seja idêntico, há significativa similaridade. Alguns dos mais importantes paralelos tem sido apresentados por James Charlesworth: “Espírito da verdade” (Jo.14:17;15:26;16:13;1Jo.4:6;cf.1QS 3:18-19; 4:21,23); “Espírito Santo”(Jo.14:26;20:22;cf.1QS 4:21);“filhos da luz”(Jo.12:36;cf.1QS 3:13, 24, 25);“vida eterna” (Jo.3:15,16,36;4:14,36;5:24,etc.;cf.1QS 4:7);“luz da vida”(Jo.8:12;cf.1QS 3:7); “andar nas trevas”(Jo.8:12;12:35;cf.1QS 3:21;4:11);“ira de Deus”(Jo.3:36;cf.1QS 4:12); “olhos do cego”(Jo.9:39-41;10:21;cf.1QS 4:11);“cheio de graça” (Jo.1:14;cf.1QS 4:4,5); “as obras de Deus” (Jo 6:28;9:3;cf.1QS 4:4); “homens...pois suas obras eram más” (Jo.3.19;cf.1QS 4.10,20). À estes poucos,outros podem ser acrescentados: “testemunha da verdade” (Jô.5.33;18:37;cf.1QS 8:6); “fazer [praticar] a verdade” (Jo.3.21;1Jo.1.6;cf.1QS 1.5;5.3;8.2); “andando na verdade” (2Jo.4;2Jo.3;cf.1QS 4:6,15); “água viva”;cf. CD 19:33-34);escuridão vencida pela luz (Jo.1.5;1Jo.2.8;cf.1QMyst 6).¹⁶

Estes paralelos não exigem que concluamos que João foi influenciado por Qumran ou pela Regra da Comunidade;contudo, eles nos encorajam a interpretar o dualismo

¹⁶ Veja J.H.Charlesworth, “A Critical Comparison of the Dualism in 1QS 3:13-4:26 and the ‘Dualism’ Contained in the Gospel of John,” *NTS* 15 (1969),389-418;repr.in Charlesworth (ed.),*John and the Dead Sea Scrolls* (London:Chapman,1972;repr.New York:Crossroad,1990),76-106.

joanino no mundo judaico da antiguidade tardia.¹⁷ Apelos ao Gnosticismo, por exemplo, são desnecessários e bem podem ser anacrônicos.

Conclusão

O caráter judaico dos Evangelhos do Novo Testamento é ilustrado por nove importantes paralelos que tem sido brevemente considerados. Há muito mais paralelos e pontos de contato, alguns lingüísticos e técnicos, que poderiam se adicionados a nossa discussão. Mas os exemplos que tem sido considerados devem ser suficientes para os objetivos deste trabalho.

¹⁷ Esta é a conclusão de R.Bauckham, "The Qumran Community and the Gospel of John," in L.H.Schiffman, E.Tov, and J.C.VanderKam (eds.), *The Dead Sea Scrolls: Fifty Years after Their Discovery. Proceedings of the Jerusalem Congress, July 20-25, 1997* (Jerusalem: Israel Exploration Society and the Israel Antiquities Authority, 2000), 105-15.